

A LITERATURA PAULISTA: GESTAÇÃO E FORMAÇÃO DA CULTURA LITERÁRIA EM SÃO PAULO NO SÉCULO XVIII.

Guilherme Gomide von Atzingen Pinto, Jean Marcel Carvalho França. – Inter-áreas - História - Departamento de História – Faculdade de Direito História e Serviço Social – Campus Franca.

As prestigiosas correspondências dos viajantes que cruzavam o Atlântico no século XVIII, quando tratavam da sociedade paulista, descreviam sempre um povo relaxado, indolente, orgulhoso e estúpido. É, portanto curioso saber que foi justamente nesse mesmo período em que surgiu uma classe literária tipicamente paulista, o que demonstra já haver na sociedade paulista um discurso escrito desenvolvido e direcionado, pautado nas tradições e na manutenção da ordem.

A partir do século XVII, a cidade vai gradativamente apresentar uma melhora econômica, melhora essa que vai se acentuando conforme se aproxima o ciclo da mineração. Porém, intelectualmente São Paulo continuava a contar seus homens letrados nos dedos. Alcântara Machado nos cita um caso, em 1675, onde “um litigante se queixa de não entender de papéis, nem haver letrados nesta vila para se aconselhar com eles”¹. Tal caso ilustra com perfeição a carência de alfabetizados nos próprios órgãos gestores da sociedade.

É comum entre os historiadores sintetizar toda manifestação literária brasileira anterior a segunda metade do XVIII sob o prisma da religião. Sabe-se que o problema não era tão somente o imediatismo das intenções, mas principalmente a carência de um público leitor. De fato, a forma oral se ajustava muito mais às condições de atraso não só de São Paulo, mas de toda a colônia até o ouro mudar temporariamente esse quadro.

Com a descoberta das Minas melhora a situação econômica, mas mais importante ainda será a quantidade de imigrantes que invadirão o centro-sul. Durante os primeiros sessenta anos do século XVIII chegarão ao Brasil, de Portugal e das ilhas do Atlântico, cerca de 600 mil pessoas de todo tipo, desde padres e prostitutas a comerciantes e aventureiros. São Paulo finalmente começou a se desenvolver. O comércio foi favorecido pelas novas remessas de moedas, e a riqueza circulava em barras na cidade. A nova malha urbana era perfeita para o florescer de uma elite intelectual letrada, com um público leitor restrito, mas agora já existente e crescente.

Podemos citar como alguns dos primeiros expoentes da embrionária elite cultural paulista Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus. Ambos imprimem sobre a historiografia de sua época um caráter novo ao pautarem seus estudos e pesquisas nos arquivos históricos e cartórios, principalmente locais. Esse grande interesse genealógico evidencia a tentativa de engrandecer o povo colonizador, justificar a política colonial e legitimar a tradição em sua importância fundamental para assegurar a manutenção da ordem social.

Pedro Taques irá escrever em 1772 a história da capitania de São Vicente sob encomenda da família do Conde de Vimieiro, que reclamava direitos donatários sobre a terra. Entretanto, devido ao desaparecimento dos originais da mesma, sua obra mais importante será a nobiliarquia paulista, onde o autor estuda o bandeirantismo e os troncos genealógicos dos primeiros povoadores de São Paulo. A obra será dividida em quatro volumes, onde Taques “transforma os bandeirantes em povoadores e criadores, (...) cheio de preconceitos aristocráticos e idéias de casta.”²

Frei Gaspar de Madre de Deus, assim como seu amigo e primo Pedro Taques, é amplamente influenciado pelas idéias de limpeza de sangue dos antigos cristãos povoadores, e condena com o mesmo afincamento a miscigenação. Imprimiu em 1797 seus estudos sobre a capitânia de São Vicente sob o patrocínio da academia renascentista de Lisboa. Ambos escreviam para um público aristocrata muito selecionado, que pautava seus valores na tradição, normas e costumes. É também esse público muito importante para compreendermos a quem vai interessar esse discurso, e quais seus ecos na sociedade.

No final do século podemos observar outros homens que também desenvolveram um importante papel na formação cultural de São Paulo, tal como Manuel Cardoso de Abreu que vai falar das bandeiras, dos sertões e das monções, e de sua importância para a expansão territorial e

¹ Machado, Alcântara – Vida e Morte do Bandeirante, pp 121

² Rodrigues, José Honório – História da História do Brasil, Livro quinto, Cp. 1, pp 138

busca de tesouros. Martin Francisco Ribeiro, por sua vez irá através de seus jornais de viagem fazer uma reflexão acerca da realidade paulista já no início do século XIX.

Assim como Taques e Frei Madre de Deus, esses homens são escritores pioneiros, nascidos na sociedade paulista, alguns cujas obras só foram publicadas postumamente.

A distância e o difícil acesso dificultam a interação dos paulistas com as capitanias litorâneas, o que confere ao seu discurso singularidades que pretendemos estudar com grande ênfase.

Nosso objetivo é compreender até que ponto o imaginário europeu influenciou na construção do discurso literário que a classe letrada paulista desenvolveu no final do século XVIII, e como ela conferiu a esse discurso novas características próprias advindas das condições singulares que se desenvolveram no seio da reclusa sociedade paulista. Este estudo nos possibilitará entender como foi feita em São Paulo a adaptação de modelos, e de que forma e o quanto o discurso literário tinha importância nessa sociedade.

Utilizaremos como fontes primárias obras literárias escritas por paulistas a respeito de sua terra natal. Nossas principais fontes serão Pedro Taques, com sua *Nobiliarchia Paulista*, e alguns fragmentos que restaram da *História da Capitânia de São Vicente*³; além das *Memórias para a história da capitânia de São Vicente* de Frei Gaspar da Madre de Deus. No trato com as obras literárias não iremos tomar uma postura que se restrinja a analisar a obra em seu contexto e qual as faces da sociedade que estão na obra descritas. Compreendemos também o espaço do autor, que imprime a obra suas próprias emoções e expectativas, nem sempre condizentes com o que se normatiza na sociedade. A crítica literária é evitada devido ao alto grau de complexidade dessa análise; entretanto esperamos que ao longo da pesquisa essa ferramenta se afie, possibilitando-nos alguns contornos nesse aspecto.

Outros dois autores paulistas contemporâneos do século XVIII são Manoel Cardoso de Abreu, que supostamente nasceu entre 1740 e 1750 em Porto Feliz (São Paulo) e faleceu em 1804, responsável pela obra: *Divertimento Admirável para os historiadores observarem as máquinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuiabá e Mato Grosso*⁴; e Martim Afonso Ribeiro de Andrada, nascido em Santos em 1775, estudou na Europa e formou-se em ciências em Coimbra. Foi deputado e “contribuiu ao lado de seu irmão José Bonifácio para movimento de preparação da independência do Brasil”⁵. Escreveu os *Jornais das Viagens pela Capitânia de São Paulo em 1803 e 1804*, e faleceu no ano de 1844.

Como suporte para a pesquisa utilizaremos obras que analisam a sociedade paulista em seus movimentos no século XVIII; como Afonso de E. Taunay, que fez grandes avanços nos estudos sobre as bandeiras, Antônio Cândido, que analisa as relações entre a literatura e sociedade, entre outros.

Por pautarmos o estudo nas singularidades da cultura literária paulista que nosso recorte começa no século XVIII, com as primeiras manifestações culturais literárias e se finda em 1808, quando o eixo econômico e administrativo da colônia se muda para o Rio de Janeiro, e o discurso paulista se integra ao resto da produção nacional. A literatura do século XVIII é fortemente marcada pelos resquícios do Cultismo português, além de ainda ser classificada por respeitados pesquisadores do meio, como Antonio Cândido, como uma “literatura comum”, ou seja, ainda não desvencilhada das raízes lusas. As influências do cultismo faziam dessa literatura praticamente uma literatura associativa, mais pragmática, que não por isso deixava de ter seu valor. “A associação literária criava atmosfera estimulante para a vida intelectual, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência de grupo entre os homens cultos e levando-os efetivamente a produzir.”⁶ Os escritores paulistas, assim como todos escritores brasileiros do século em questão não formavam uma classe distinta, mas estavam todos espalhados nos carentes setores dirigentes e administrativos.

Bolsa: CNPq/PIBIC

³ volume 9.108 pags. In-8*

⁴ in Revista do instituto Histórico e geográfico de São Paulo, vol. 6

⁵ Roteiros e notícias de São Paulo colonial – notas Ernani Silva Bruno pp. 144

⁶ Cândido, Antonio – Formação da literatura brasileira. Cp. II pp. 85